

Brasília, quinta-feira,
28 de fevereiro de 2002



Envie para
um amigo



Im

In Correio Braziliense, p. 39. Mundo

ARTIGO

Guerra de sentimentos

Gerson G. Ledezma Meneses

Neste ano, a Colômbia comemora um centenário do fim da guerra civil dos Mil Dias (1899-1902), uma das mais cruéis que o país já assistiu. Ainda hoje os historiadores não sabem o número de mortes que o conflito entre liberais e conservadores deixou. Campos abandonados e milhares de camponeses vitimados pelas pestes e as balas dos diferentes bandos inimigos. Mas a tragédia não parou em 1902. No ano seguinte, os Estados Unidos, aproveitando a situação calamitosa em que se encontravam as elites colombianas, cobrou os últimos empréstimos a favor dos liberais. Frente à impossibilidade de saldar as contas, o país do Norte roubou a região do Panamá por onde desfilaria, no século seguinte, os frutos do capitalismo vindos de todos os cantos do mundo.

Agora, depois da quarta-feira da semana pasada, quando se esgotaram todas as negociações de paz entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), e o Exército colombiano entrou na zona de distensão, os Estados Unidos estão aí de novo, na expectativa, buscando se aproveitar de mais uma guerra entre os colombianos. O governo americano já discute com Bogotá a forma como, aproveitando a entrada das tropas na área, iniciar a pulverização dos plantios de coca. Por outro lado, o governo de Washington prometeu ajuda em dólares para investimentos na área petrolífera. Sabe-se que o oleoduto Caño Limón Coveñas está sendo usado pela Occidental Petroleum para transportar o produto colombiano até o mercado norte-americano.

Hoje, EUA discutem a possibilidade de intervir no conflito colombiano por causa do seqüestro da candidata à presidência da República Ingrid Betancourt e o senador Jorge Eduardo Guechen. A pergunta é a seguinte: até onde o país do Norte estaria interessado em salvar a vida destes seqüestrados? Por acaso já se interessaram pelos inúmeros massacres de camponeses, verdadeiras vítimas da guerra? Quem sabe se posteriormente vão cobrar seus préstimos, exigindo em troca alguma área do corpo da pátria, um pedaço da Amazônia?

O governo colombiano, assim que retomar totalmente a zona de distensão, irá aos poucos diminuir sua presença na região, e aí será o momento propício para que os grupos de extrema direita — principalmente a Autodefesas Unidas por Colômbia (paramilitares) — entrem nos municípios e massacrem os camponeses, tidos como supostos colaboradores das Farc.

Muitos camponeses e indígenas já começaram a chegar às cidades e povoados mais próximos em busca de refúgio e abrigo. Contudo, não encontrarão o conforto de sua própria terra onde deixaram suas galinhas, cachorros e algumas vacas, assim como, aquilo que restou de suas plantações e outros produtos que foram arrasados pelos aviões pulverizadores. Então, no dia em que voltarem para suas propriedades,

encontrarão apenas a sombra daquela terra que um dia produzia em abundância e que hoje está ressecada por causa do veneno.

Muitas vezes a imprensa, intelectuais, sociólogos e cientistas políticos do mundo todo vêem o conflito colombiano como uma guerra civil entre terroristas selvagens. Essa visão equivocada acaba por silenciar o fato de que os colombianos matam e morrem por seus próprios sentimentos, pela sua honra e dignidade. São poucos aqueles que num sistema moderno de vida, conseguem perceber a categoria dignidade. Dignidade do homem colombiano que tem sido vítima de uma história que se repete a cada momento, uma história de estirpes.

Ao longo destes 200 anos de solidão, o camponês e o indígena colombianos ganharam grandes guerras contra as oligarquias e, hoje, possuem saúde e educação razoáveis. Nas universidades, as elites, os negros, os índios e os pobres assistem a aulas de Medicina, Direito, História, etc. Graças às batalhas nos séculos XIX e XX, o índio e o camponês ganharam o direito à posse de pequenas propriedades. Por esse pedaço de terra e o apego à toda uma herança cultural, essas pessoas não aceitam deslocar-se para as grandes cidades e sacrificam suas vidas sem perder a honra.

Hoje, mais uma vez, parece que a Colômbia não terá uma saída para o conflito armado. Precisamos entender que as guerras nos países do chamado Terceiro Mundo envolvem grandes sentimentos e não a racionalidade propriamente dita. Nesse sentido, elas tendem a eternizar-se. Outras, fruto da racionalidade, tiveram um começo e um fim (Primeira e Segunda Guerra Mundial). Na Colômbia não se luta pelo predomínio de mercados, nem de colônias para serem exploradas, luta-se por princípios. A verdade é que os protagonistas da guerra colombiana hoje lutam contra aqueles que um dia passaram por cima de seus sentimentos.

Gerson G. Ledezma Meneses é colombiano e doutor em História pela UnB

http://www2.correioweb.com.br/cw/2002-02-28/mat_34304.htm